

Psychobioenergeticsocial interlacement: the self-regulation and transdisciplinarity of Wilhelm Reich

Entrelaçamento psicobioenergeticossocial: a autorregulação e a transdisciplinaridade de Wilhelm Reich

Jéssyka Sarcinelli Cáo¹, Evandro Vieira Ouriques^{1,2}

¹Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro

²Núcleo de Estudos Transdisciplinares de Comunicação e Consciência, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro

jessykasarcinelli@gmail.com, evandro.vieira.ouriques@gmail.com

Recebido: 4/12/2019

Aceito: 8/12/2019

Publicado: 10/12/2019

Abstract. *This article intends to briefly present the conception of self-regulation, central concept in the work of Wilhelm Reich (1897-1957). The objective of this research is to discuss about the emergence this conception in the theory of the referred author and to analyze how it was fundamental to think the human relations and the social organization of the subjects. If transdisciplinarity is a plural field of knowledge that overflows the barriers created by science, we can consider Reich's work as being transdisciplinary par excellence. Initially we will discuss the biological and philosophical influences that led Reich to believe in the existence of a capacity of all living beings to self-regulate. Than a dialogue between the conception of self-regulation and the Psychopolitical Theory will be used to describe the subject-society relationship today.*

Keywords: *Transdisciplinarity. Self-regulation. Psychopolitics.*

Resumo. *Este artigo pretende apresentar brevemente a concepção de autorregulação, conceito central no pensamento de Wilhelm Reich (1897-1957). O objetivo dessa pesquisa é discorrer sobre o surgimento desta concepção na teoria do referido autor e analisar como ela foi fundamental para pensar as relações humanas e a organização social dos sujeitos. Se a transdisciplinaridade se trata de um campo plural de conhecimentos e que transborda as barreiras criadas pela própria ciência, podemos considerar o pensamento reichiano como sendo transdisciplinar por excelência. Inicialmente discorreremos sobre as influências biológicas e filosóficas que levaram Reich a acreditar na existência de uma capacidade de todos os seres vivos se autorregularem e, posteriormente realizar um diálogo entre a concepção de autorregulação e a Teoria Psicopolítica para pensar a relação sujeito-sociedade na atualidade.*

Palavras-chave: *Trandisciplinaridade. Autorregulação. Psicopolítica.*

1. Introdução

Wilhelm Reich (1897-1957) foi médico, psicanalista e cientista natural. Discípulo de Sigmund Freud (1856-1939) precisou romper com ele tendo em vista o que lhe apresentava os resultados de suas próprias pesquisas, sobretudo porque Freud desenvolveu uma teoria que admitia ser a neurose fruto da própria constituição inata do ser humano, enquanto Reich admitia que as neuroses eram originárias da cultura repressiva. Mesmo com toda a polêmica que sua obra suscitou, suas contribuições absolutamente originais, como a Teoria do Orgasmo, a educação sexual infantil, as elaborações a partir da relação entre a psicanálise freudiana e o marxismo, a Análise do Caráter, assim como sua relação com a técnica ativa de Sándor Ferenczi (1873-1933) (duramente criticado por Freud), contribuições sintomaticamente silenciadas na história das ciências a ponto de estar frequentemente ausente dos currículos das faculdades de psicologia, marcaram profundamente não apenas o campo da Psicologia mas as ciências sociais, como a filosofia política (OURIQUES, 2017), como é o caso emblemático de seu decisivo livro de 1933, *A psicologia das massas do fascismo*. Partindo das premissas psicanalíticas, particularmente da teoria da libido, Reich entendia que o psiquismo não pode ser separado do biológico, como não se poderia separar medicina da psicologia, corpo da psique. Ele construiu assim um corpo teórico e uma prática de união, de conexão não-dualista corpo-mente, “na borda da confluência de diversos saberes (...) o entrelaçamento psicobioenergético-social. O corpo, por exemplo, é concebido como psicossoma ancorado em correntes energéticas e cortado por forças sócio-históricas” (CÂMARA, 2009, p. 208)

Desde o início de seus estudos em medicina, Reich se interessava pela energética do vivo (BEDANI, 2007), demonstrando muito interesse pela ideia de que os seres vivos funcionam devido a uma energia específica que se distingue dos processos conhecidos na época (energia química, eletromagnética, termodinâmica etc.) e que buscavam compreender a motilidade das substâncias vivas. No começo de sua obra, o autor foi estimulado por campos de pesquisa bem diferentes, como biologia e filosofia, inspirando-se em autores vitalistas da época como os biólogos Hans Driesch (1867-1941), Paul Kammerer (1880-1926) e o filósofo Henri Bergson (1859-1941).

Neste imenso campo de contribuições destacamos, pelas razões que procuraremos demonstrar, o fato de que Reich fundamenta, de maneira eficaz, toda sua teoria, no conceito de autorregulação. Neste sentido, sua contribuição foi fazer transitar um conceito do domínio da biologia e da fisiologia para o campo das ciências humanas e sociais. Em sua prática clínica, demonstrava o valor da ideia de autorregulação para a compreensão dos fenômenos ligados aos distúrbios da sexualidade. Reich acreditava que com a irrupção de uma moral sexual repressora e autoritária houve uma destruição da capacidade autorregulatória biológica, o que propiciou o surgimento de uma cultura com muitos aspectos irracionais, incoerentes.

Ele acreditava que, através da profilaxia das neuroses e a regulação das funções instintivas, a humanidade seria capaz de uma transformação cultural que engendrasses pessoas mais aptas ao convívio e,

consequentemente, uma sociedade mais integrada, com a circulação de energia mais equilibrada, mais hábil para regular suas tensões e encadear estados de harmonia e bem-estar. (FREITAS, 2014a, p.47).

2. O princípio de autorregulação

De 1918 a 1948, Reich esteve em contato com os estudos biológicos nos quais o principal conceito era a autorregulação, partindo de uma biologia não-mecanicista (BELLINI, 1994; ALBERTINI, 2011). A autorregulação pressupõe os sujeitos como processos em relação com o mundo, nos quais o funcionamento entendido como interno, e como um conjunto de ações internas, está em completa relação com o mundo compreendido como exterior.

A trajetória inicial de Reich foi marcada pelas tensões ontológicas e epistemológicas radicais que opunham os vitalistas e os mecanicistas (BEDANI, 2007) nas ciências em geral dos séculos XIX e XX. De acordo com o próprio Reich, devido aos estudos ligados à anatomia, o seu trabalho acabava sendo estritamente mecanicista e sistemático. Ao mesmo tempo, criticava as conjecturas teleológicas dos vitalistas, segundo as quais o universo funcionaria com objetivos, embora tenha se baseado no pensamento de Hans Driesch e Paul Kammerer, naturalistas da época (REICH, 1975), conforme veremos a seguir.

Entre 1919 e 1921, Reich entrou em contato com o problema do vitalismo ao estudar trabalhos publicados por Driesch, conceituado biólogo e, também, filósofo. Driesch convenceu-se de que a matéria viva é autônoma, não sendo esta característica redutível aos aspectos físicos e químicos, visto que “o desenvolvimento deste sistema transcorre normalmente ainda que se suas partes sejam rearranjadas ou parcialmente removidas, e posto que uma máquina nunca permanece a mesma em tais casos” (DRIESCH, 1908, p. 241).

Era inegável para Driesch que fatores mecânicos e físico-químicos por si só não seriam capazes de criar um sistema autônomo de funcionamento. Afirmava que algum fator não-mecânico devia fazer parte dos seres vivos. “Há algo no comportamento do organismo [...] que se opõe a uma resolução inorgânica dele, e que mostra que o organismo vivo é mais do que uma soma ou um agregado de suas partes” (DRIESCH, 1908, p. 338). Numa tentativa de responder a esse problema, Driesch recorre à ideia do filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C) e utiliza-se do termo por este criado para nomear o fator não-mecânico que faria parte dos seres vivos: a enteléquia.

De acordo com Bellini (1994), o conceito de autorregulação foi formulado pela primeira vez por Tage Philipson, colaborador de Reich, e publicado em dinamarquês como uma costura teórica abrangendo a formulação criativa, e os conceitos emergentes de economia sexual e orgonomia, a partir de relações corpo-mente. Cerca de uma década mais tarde, já nos anos 40, seria traduzido para publicação no jornal de Reich *Journal for Political Psychology and Sex-economy*, criado em 1934 (BENNETT, 2015). Após 1933, Reich formula seu pensamento e sua obra sob a orientação desse princípio. Philipson descreve que uma educação voltada para a autorregulação é aquela que respeita os direitos das crianças e que favorece o contato com as emoções, além de ser essencial que os ritmos orgânicos, o funcionamento natural dos organismos sejam respeitados e se desenvolvam naturalmente (BELLINI, 1994).

Como dito, Reich não verificava procedência no “transcendentalismo do princípio vital” (REICH, 1975, p. 23) como é evidente em toda sua obra. Entre os vitalistas da época, Reich foi aluno de Paul Kammerer, que criticava o transcendentalismo presente na noção de entelúquia de Driesch. Kammerer era, nas palavras de Reich, um “convicto defensor da organização natural da vida a partir da matéria inorgânica, e da existência de uma energia biológica específica” (REICH, 1975, p. 26).

Outro importante filósofo que influenciou radicalmente o pensamento reichiano foi Henri Bergson, por quem Reich nutria intensa admiração. Bedani (2007) afirma que no livro “A evolução criadora” (1907), Reich encontra o conceito de élan vital sendo compreendido como uma energia primeira, criadora de tudo que existe. O élan vital de que falamos consiste, em suma, em uma exigência de criação (BERGSON, 2005). Na visão reichiana, “sua *force créatrice* representa uma função explosiva da matéria, que se manifesta com maior clareza na maneira como a vida funciona” (REICH, 2009, p. 9 [grifo do autor] *apud* BEDANI, 2007).

O élan vital significava para Reich uma resposta aos impasses enfrentados pelas teorias que tentavam explicar os fenômenos da vida através das noções tradicionais de energia (adotadas pela física da época). Entretanto, ainda se mostrava como um conceito longe de ser comprovado cientificamente, o que incomodava Reich. Mesmo admitindo que o pensamento mecanicista era capaz de descrever diversos processos físico-químicos presentes no organismo vivo, Bergson chamava a atenção para o “movimento imprevisível e livre” da vida, e que “[a vida] seria impossível, caso o determinismo ao qual a matéria obedece não pudesse afrouxar seu rigor” (BERGSON, 1984 p. 824).

Resumidamente, e tendo em vista inicial desta pesquisa, podemos dizer que Reich compreendia os seres vivos tais como fluxos energéticos de expressão espontânea e autêntica, fluidos e autorregulados, que possuem uma capacidade criativa e de adaptação que surge de estrutura instintiva. Segundo Freitas (2014b) o princípio de autorregulação se assenta em uma base biológica firme e bem fundamentada, o que motivou Reich em sua busca por respostas.

3. Autorregulação e a emancipação dos indivíduos

Reich aprofunda suas investigações biológicas para pensar os mecanismos de autorregulação nos seres humanos.

Quando consegue prescindir em certa medida das resistências e inibições neuróticas, das pesadas sublimações morais, da angústia sexual, descobre no indivíduo uma capacidade maior para a autonomia, para a realização de equilíbrios dinâmicos, flexíveis, uma melhor regulação – auto-regulação – de sua existência: no trabalho, no amor, nas relações com os outros; tudo acontece como se o afrouxamento da couraça caracterial liberasse uma espécie de competência espontânea, uma aptidão para autodeterminar-se, aniquilada, atrofiada ou neutralizada pela influência das instituições sociais e dos modelos culturais. Reich vai formular nestes termos o objetivo terapêutico: “retirar a energia das inibições morais e substituí-las pela auto-regulação libidinal”. (DADOUN, 1991, p. 35).

No entanto, Reich não identificava a solução dos conflitos sociais sem que houvesse uma educação emancipadora de crianças e adolescentes e a resolução dos seus conflitos ligados à sexualidade, causados pela repressão dos instintos naturais básicos. Ele sugere que quando crianças nascem em um contexto já contaminado pela “peste emocional” uma espécie de “doença contagiosa” causada pela moral sexual repressora, são destituídas de sua vontade e de sua potência. Ao ensinar à criança que o mundo é cheio de ameaças e sofrimento e que devem renunciar à vida, retiram-lhe sua opinião própria, transformando-a em um adulto impotente, inerte e sem reação:

Desde que é retirado do útero da mãe e lhe é dado um tapa nas nádegas, o recém-nascido já está sendo sugado, e sendo contaminando de uma tradição de negação da vida. Desde os seus primeiros minutos já está aprendendo que o mal-estar é inerente ao homem (FREITAS, 2014b p.19).

Ouriques (2017), em sua Teoria Psicopolítica, aponta a família como sendo um dos Aparelhos Psicopolíticos da Cultura (APC) que instauram a ideia de que o mal-estar é inerente ao homem.

É onde se instauram, ou não, os traumas ontológicos e epistemológicos que atentam contra a condição não-dualista comunicacional do ser humano como ser de linguagem, pois instituído na escuta da voz da mãe (e da função-mãe) intra-uterina e pós-uterina, bem como das vozes da função-pai e da função-fraterna. É aí que se instaura ou a solidariedade fundacional que o protege, e o faz experimentar-se como seguro, e que ele vai buscar, de maneira real ou simulada, durante todo o seu ciclo vital; ou o rompimento da possibilidade da comunicação e, assim da sociedade, o que faz o sujeito ingressar na patologia psicopolítica, dada à insustentável contradição entre a felicidade do viver junto, que institui o sujeito na complementação com a diferença, e o horror de sua impossibilidade, que condena o sujeito ao terror ontológico e epistemológico que o des-espere e, assim, o torna presa fácil para as simulações de segurança e proteção que lhe são oferecidas pelos regimes de servidão (OURIQUES, 2017, p. 261).

A escola também é apontada por Ouriques como aparelho psicopolítico da cultura que, ao educar de forma opressora, suprime as diferenças dos sujeitos, os destitui de vontade, de potência criativa. Podemos então afirmar que a família e a escola possuem tanto a capacidade de produzir sujeitos autorregulados quanto de destruir ou abalar profundamente essa capacidade de autorregulação.

É onde o sujeito, dada à pedagogia da opressão, como Paulo Freire e Foucault, por exemplo, mostraram à exaustão, tende a ser destruído como singularidade, em uma articulação sinistra com o que ocorre em sua família, e é disciplinado e controlado para que se des-identifique, por meio de um pseudo e inútil treinamento, pois raramente chega a ser um conhecimento que visa por um lado evitar escutá-lo e por outro fazer lhe aprender a sofrer continuamente para “depois” talvez gozar miseravelmente. Isto é feito por meio de monólogos exaustivos que comandam exercícios intermináveis a respeito de assuntos absolutamente desconexos internamente e entre eles, e tratados sem nenhuma relação deles com a vida real, de maneira a que o então assujeitado – pois o sujeito terá incorporado que “a vida” seria o contrário do que ele conhece de forma imanente – opte pelas duas únicas possibilidades que lhe são oferecidas como a verdade absoluta, claro que

não com estas palavras: ou tornarem-se vampiros, e assim “vencedores”, ou zumbis, e assim ‘perdedores’ (*id.*:262).

Nota-se a partir da reflexão acima a relevância do princípio de autorregulação para o debate acadêmico, pois oferece um potencial de influenciar muitos campos do saber. Para Ouriques (2017) Reich fez uma contribuição importante para o campo das ciências sociais ao publicar em 1933 o livro *Psicologia de massas do fascismo*, mas que foi sintomaticamente esquecida pela teoria social e pela filosofia. Nessa obra Reich aponta que o fascismo não é proveniente de um sistema político ou ordem social específica, é um fenômeno que atravessa todos os corpos em todo o mundo e, sobretudo, sustentado pelas massas formadas por sujeitos que insistem “em apregoar a ‘honra da nação’ (em vez da honra do homem) ou a ‘salvação da sagrada família e dараça’ (em vez da sociedade detrahadores)” (REICH, 1988, p. 14).

Portanto, a possibilidade de emancipação, entendida como integração do sujeito com ele mesmo, com o outro, com a natureza e com o cosmos, é apontada pela teoria reichiana enquanto um processo educativo que permite a construção a longo prazo de uma nova condição humana, a constituição de sujeitos autônomos e livres. Segundo Reich, o sujeito emancipado é aquele que vive a vida de acordo com os fluxos energéticos, o fluxo autorregulado, que contagia e que é autêntico em suas expressões e sentimentos. Em suma, é o sujeito que atingiu plenamente sua potência e está integrado aos fluxos do universo (SILVA, 2013).

4. Conclusões

A emancipação requer dos sujeitos uma nova maneira de encarar o mundo, uma nova postura mental - no sentido não-platônico, portanto quando, também para Reich, mente-corpo são apenas um - o fortalecimento da capacidade de julgar, ou seja, de tomar decisões, a comunicação é a condição humana, como nos diz Ouriques (2017). Requer uma mudança radical de ordem ontológica e epistemológica. Isto é, produzir uma reflexão sobre o corpo em seu comprometimento completo com a mente, com o aparelho psíquico, e as suas manifestações expressivas, sua história (que é encarnada) e é tão natural quanto sociocultural, portanto é psicopolítica, no sentido de Ouriques; requer perceber e refletir sobre os hábitos, os usos sociais do corpo, as práticas e as técnicas corporais que, ao expressarem e emanciparem os estados mentais dos sujeitos, demonstram a insuficiência do dualismo para compreender e experimentar a indissociabilidade corpo-mente.

As questões referentes à emancipação não se encerram no campo político, como bem nos lembra Reich. Os sujeitos são seres psicobioenergéticos, como ele afirmava, logo essas questões atravessam diversos campos: envolvem o cuidado e a construção de si, o desenvolvimento das potencialidades humanas, a possibilidade de expressarem sentimentos, emoções e pensamentos a possibilidade de viverem experiências autênticas e prazerosas, reconhecendo-se como humanos conectados a si mesmos, às suas emoções e ao seu ambiente natural e sociocultural.

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Referências

ALBERTINI, P. Wilhelm reich: percurso histórico e inserção do pensamento no Brasil. **Bol. psicol**, São Paulo, v. 61, n. 135, p. 159 - 176, jul. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432011000200004>. Acesso em 23 nov. 2019.

BEDANI, A. **Energética e epistemologia no nascimento da obra de Wilhelm Reich**. São Paulo. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

BELLINI, L. M. O educador do amanhã princípios de uma educação auto-regulatória. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 10, p. 23-32, Dec. 1994 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601994000100003>. Acesso em: 13 Nov. 2019.

BENNETT, P.W. Wilhelm Reich (1897-1957). The Journal of Psychiatric Orgone Therapy, Postado em 2 de março de 2015. Disponível em: <<https://www.psychorgone.com/history/wilhelm-reich-1897-1957>>. Acesso em: 18 de Jan. 2020.

BERGSON, H. L'énergiespirituelle. In: **Henri Bergson - Oeuvres**. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.

_____. **Aevoluçãocriadora**. São Paulo, : Martins Fontes, 2005.

CÂMARA, M.V. **Reich, grupos e sociedade**. São Paulo: Annablume, 2009.

DADOUN, R. **Cemflores para Wilhelm Reich**. São Paulo, Moraes, 1991.

DRIESCH, H. **The science and philosophy of the organism– The Gifford Lectures delivered before the University of Aberdeen in the year 1907**. London: Adam and Charles Black, 1908.

FREITAS, F. O princípio reichiano de autorregulação: investigações filosóficas, sociológicas, antropológicas e epistemológicas. **RevistaDesenvolvimentoPessoal**, Vol. 4, Número 1, Janeiro/Julho de 2014a. Disponível em: <<http://www.latec.ufrj.br/revistas/index.php?journal=desenvolvimentopessoal&page=articulo&op=view&path%5B%5D=574>>. Acesso em: 17/11/2019.

_____. **Wilhelm Reich: Ameaça de Vida ao Mal-Estar da Psicanálise**. 2014b. Disponível em:

<<https://pt.scribd.com/document/218533512/Wilhelm-Reich-Ameaca-de-Vida-ao-Mal-Estar-da-Psicanalise>>. Acesso em: 15 nov 2019.

OURIQUES, E. V. **Teoria Psicopolítica: a emancipação dos Aparelhos Psicopolíticos da Cultura**. Coleção Teoria Psicopolítica, Volume I. Temuco: Universidad de La Frontera, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidad de La Plata, Universidades do Porto, Universidad de Groningen, 2017.

REICH, W. **Função do Orgasmo**. São Paulo: Brasiliense, 1975.

_____. **Psicologia de massas do fascismo**. Martins Fontes: São Paulo, 1988.

SILVA, P. C. da. **Pelasmãos de Wilhelm Reich: emancipação, corpo e clínica**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2013.